

O Que Crentes Querem Saber, Mas Têm Medo de Perguntar

O Silêncio do Céu—Parte 10

Jó 20–21

Introdução

Um jovem advogado estava enfrentando uma depressão tão profunda que seus amigos concluíram que seria melhor se mantivessem longe de sua posse todas as facas e barbeadores. Aos 22 anos de idade, seu investimento nos negócios fracassou. Em seguida, concorreu como político por seu estado, mas perdeu. Pouco tempo depois, outra tentativa nos negócios acabou não dando certo. Daí, aos 26 anos, a moça com a qual ele esperava se casar morreu inesperadamente, algo que despedaçou seu coração. Aos 27 anos, ele sofreu o que muitos acreditam hoje ter sido um colapso nervoso.

Anos depois, esse advogado concorreu para o congresso nacional e foi derrotado. Ele tentou mais uma vez aos 39 anos, mas perdeu de novo. Aos 46 anos, perdeu em uma tentativa para o senado e, um ano depois, perdeu quando concorreu para a posição de vice-presidente. Aos 49 anos, sofreu outra derrota devastadora quando tentava uma posição no senado. Foi nessa época que ele sofreu mais um colapso e escreveu em seu diário inspirador, “Sou, agora, o homem mais miserável vivo no planeta. Se um dia melhorarei, não sei dizer.”¹

Esse não é o tipo de divagação que esperaríamos ouvir da boca de um futuro presidente dos Estados Unidos, mas Abraão Lincoln estava submerso em desgraça.

Ele melhorou. Na verdade, tornou-se totalmente capaz para liderar o país durante uma das épocas mais tenebrosas quando o país enfrentou guerra civil no final dos anos de 1800. Abraão Lincoln havia sido preparado para perseverança heroica como futuro líder.

John Henry Jowett, que morreu em 1923, foi, em um momento, considerado como o pregador mais influente no mundo de fala inglesa. Contudo, ele escreveu para seu amigo, “Queria muito que você não pensasse que sou um santo. Você parece pensar que eu não passo por altos e baixos, mas que experimento apenas conquistas espirituais constantes e sublimes com alegria ininterrupta. De jeito nenhum! Geralmente sou perfeitamente depravado, e tudo parece ser obscuro.”²

F. B. Meyer, outro pregador e escritor que viveu no século dezenove, foi um homem cujos escritos foram tão lidos por sua geração como autores evangélicos famosos são hoje lidos por nossa geração. Entretanto, em seu diário pessoal ele derramou diante de Deus em grande frustração a

seguinte oração, “Senhor, por que Tua mão está sempre com outra pessoa?”

Essa não é, exatamente uma pergunta tão espiritual—mas é uma pergunta honesta. Talvez ela seja a pergunta com a qual você tenha lutado em algum momento, se perguntando, “Senhor, por que Tu abres as janelas de bênçãos sobre todo mundo, menos sobre mim?”

Esse é um dos principais questionamentos que tem passado pela cabeça e mente de Jó quando chegamos ao capítulo 21. Talvez seja porque Zofar acabou de pronunciar no capítulo 20 seu segundo discurso de condenação e arrogância prepotente.

Zofar Fala O Que Tem na Cabeça com Arrogância

Zofar começa a falar tudo o que vem à sua cabeça em Jó 20.2–3:

Visto que os meus pensamentos me impõem resposta, eu me apresso. Eu ouvi a repreensão, que me envergonha, mas o meu espírito me obriga a responder segundo o meu entendimento.

Quero só dizer o seguinte, “Você se ofendeu?! Você está bravo?! Ah, dá licença, Jó!”

É Jó quem tem amigos insensíveis, quem tem dez túmulos a lamentar, quem está com a pele coçando e derramando pus.

Mas, isso não importa—Zofar tem algo em mente para dizer!

No capítulo 20, o que Zofar faz é apresentar um discurso que Jó destruirá no capítulo seguinte.

Podemos facilmente esboçar os velhos clichês de Zofar em quatro pontos.

1. Primeiro, o ímpio não vive muito tempo.

Veja Jó 20.4–5:

Porventura, não sabes tu que desde todos os tempos, desde que o homem foi posto sobre a terra, o júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios, momentânea?

Pule para os versos 8 e 9:

Voará como um sonho e não será achado, será afugentado como uma visão da noite. Os olhos que o viram jamais o verão, e o seu lugar não o verá outra vez.

Zofar diz: “Pessoas injustas não vivem muito tempo.”

Isso nos leva a perguntar o que diríamos a Noé, o homem que foi ridicularizado e zombado por descrentes por 120 anos (Gênesis 6.3), ou sobre o fato de Deus ter concedido à nação de Canaã 400 anos antes de julgá-los (Gênesis 15.13–16).

A verdade é que o mais perturbador não é o fato de descrentes viverem vida longa, mas de os piedosos viverem vidas curtas. Missionários, escritores e pioneiros como Jim Elliot, Robert Murray McCheyne e David Brainerd morreram antes dos trinta anos de vida.

Contudo, Zofar está convencido desta regra de ferro: pessoas más morrem novas e pessoas boas vivem muito tempo.

Dentro de poucos instantes, Jó destruirá essa filosofia errada.

Zofar continua com um segundo ponto.

2. Segundo, o ímpio não desfruta de nada.

Veja Jó 20.18:

Devolverá o fruto do seu trabalho e não o engolirá; do lucro de sua barganha não tirará prazer nenhum.

Pule para o verso 23:

Para encher a sua barriga, Deus mandará sobre ele o furor da sua ira, que, por alimento, mandará chover sobre ele.

Em outras palavras, o perverso não desfruta nem mesmo de uma refeição.

Se isso fosse verdade, então por que existem tantos programas de televisão mostrando comida? É simples. Os perversos também gostam de comida. Os descrentes também desfrutaram de seu dinheiro e entretenimento.

O Dr. Howard Hendricks costumava dizer no seminário, “Não tire essas coisas deles—esse é o anestésico que ajuda a anestesiar a dor de uma vida vazia.”

Os descrentes desfrutaram do que a Bíblia chama de *os prazeres transitórios do pecado* (Hebreus 11.25).

3. O ímpio não morre feliz.

Zofar diz que Deus não deixa isso acontecer ao afirmar em Jó 20.24: ***Se fugir das armas de ferro, o arco de bronze o traspassará.***

Ou seja, Deus pessoalmente perseguirá o descrente que tenta fugir e Deus arremessará contra ele uma flecha com ponta de ferro que o atingirá e o matará; e, conforme diz o verso 25, ***haverá assombro sobre ele.***

Zofar conclui sua aula sem fundamento com mais um pensamento.

4. O ímpio não deixa nada para trás.

Veja Jó 20.28:

As riquezas de sua casa serão transportadas; como água serão derramadas no dia da ira de Deus.

Evidentemente, Zofar nunca tinha ouvido falar de fundos fiduciários e de juros e montantes. Ele viveu antes dos dias de John Rockefeller e Paris Hilton.

A verdade é que os descrentes lutam a vida inteira para poderem comprar o máximo de Babilônia que conseguirem. Depois, eles deixam tudo como herança para os filhos, os quais geralmente destroem suas vidas.

Jó sabe melhor do que isso.

As Respostas de Jó a Perguntas Sinceras

Enquanto esses homens declamam mais e mais clichês, Jó luta com perguntas mais profundas. Essas são perguntas genuínas, sinceras que somente Deus e Sua Palavra são capazes de responder. Jó, contudo, não tinha uma cópia da Lei, dos Profetas ou dos Salmos de Davi, nem mesmo o Novo Testamento.

Enquanto Zofar diz a Jó que o ímpio não vive muito tempo, Jó deseja saber por que exatamente o oposto é verdadeiro—o ímpio vive, sim, vida longa e seus próprios filhos piedosos morreram jovens.

Enquanto Zofar pontifica que o ímpio não desfruta de sua riqueza, Jó diz, “Acorde! Você andou viajando esses dias? Você saiu de sua casa e participou de um churrasco com seu vizinho?”

O que deixa Elifaz, Bildade e Zofar ainda mais furiosos são as perguntas genuínas que Jó sugere com suas respostas.

O questionamento de Jó é uma resposta clássica. É como a resposta de Asafe no Salmo 73, o qual admitiu no verso 3: ***Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos.***

Esse é um questionamento semelhante ao de Davi, que lamentou em sua oração do Salmo 13.1: ***Até quando, SENHOR? Esquecer-te-ás de mim para sempre?***

Crentes não devem falar desse jeito. Crentes piedosos não fazem esse tipo de pergunta—ou fazem?

“Ó, Deus, por que Sua mão de bênçãos está sempre sobre outras pessoas?”

Isso é o que crentes querem saber, mas têm medo de perguntar.

Jó, de fato, faz oito perguntas nas quais todos os crentes pensam e as quais desejam perguntar, mas têm medo de serem pegos fazendo-as ou mesmo pensando nelas. Existem pelo menos oito perguntas que estão embutidas na resposta de Jó a Zofar e que iniciam oito lutas sinceras no coração e na vida de Jó.

1. Primeiro: Por que Deus trata o descrente melhor do que eu?

Veja Jó 21.7: *Como é, pois, que vivem os perversos, envelhecem e ainda se tornam mais poderosos?*

Pule para o verso 9: *As suas casas têm paz, sem temor, e a vara de Deus não os fustiga.*

Em outras palavras, “Por que eu sofro disciplina e aflição enquanto meus vizinhos e colegas de trabalho descrentes parecem desfrutar da bênção de Deus?”

2. Segundo: Por que eu passo por problemas financeiros enquanto outros não?

Veja Jó 21.10: *O seu touro gera e não falha, suas novilhas têm a cria e não abortam.* Pule para o verso 13: *Passam eles os seus dias em prosperidade.*

Jó pergunta sinceramente, “Senhor, por que aquele que nunca se ajoelha diante de Ti, que nunca toca em um altar, que nunca Te reconhece vê seus rebanhos multiplicados por Ti, enquanto tenho

sacrificado a Ti fielmente e vejas o que recebo. Meus rebanhos foram roubados e todos os meus recursos financeiros se foram!”

Talvez você tenha feito essa mesma pergunta embutida no lamento de Jó diante de um Deus injusto.

3. Terceiro: Por que o descrente tem vários filhos enquanto eu não consigo ter nem um?

Veja Jó 21.11: *Deixam correr suas crianças, como a um rebanho, e seus filhos saltam de alegria.*

Os descrentes estão cercados de filhos tão numerosos quanto seus rebanhos de ovelhas.

Volte ao verso 8: *Seus filhos se estabelecem na sua presença; e os seus descendentes, ante seus olhos.*

Os descrentes não somente têm filhos, mas têm seus filhos perto de si. O texto diz, *na sua presença.* Não existe nenhum “adeus,” nada de conversas por telefone a longa distância, nem viagens longas na época do Natal. Os descrentes têm seus filhos próximo, sua descendência está diante de seus olhos.

Por quê? Nós, como crentes, é que sabemos que os filhos são herança do Senhor; nós louvamos o Criador que aprova a concepção e estabelece um lar.

Jó pergunta, “Por que meus filhos foram tirados de mim, enquanto descrentes ao meu redor desfrutam de banquetes de família?”

Se você pensa que somente crentes não espirituais lutam com esses questionamentos, pense de novo.

4. Quarto: Por que o ímpio desfruta de melhor saúde do que eu?

Veja Jó 21.13: ***Passam eles os seus dias em prosperidade e em paz descem à sepultura.***

Ou seja, “Os descrentes morrem sem alguma doença crônica ou problemas.”

Essa não é uma referência a algum julgamento instantâneo de Deus, mas a vida longa e depois uma morte súbita que não dá espaço para sofrimento, angústia ou tribulações. Em outras palavras, o dinheiro deles não termina, nem o tratamento de saúde; o diagnóstico que recebem do médico é excelente e nunca precisam se preocupar com cadeiras-de-rodas, artrite, dores nas costas, perda de visão, derrames, cirurgias, infartos ou qualquer outro problema de saúde. O perverso parece viver em um constante progresso de boa saúde até morrer.

Veja Jó 21.23: ***Um morre em pleno vigor, despreocupado e tranquilo.***

Em outras palavras, o ímpio está forte fisicamente, tem bons diagnósticos, corre uma maratona, não precisa tomar vitaminas, comer muita fibra, nem usar óculos com lentes bifocais.

Pessoas que merecem a perdição se deleitam em prosperidade. Pessoas sem fé desfrutam de perfeita saúde. Por quê?

Jó está disposto a fazer essas perguntas em voz alta.

5. Quinto: Por que os que não se preocupam com Deus parecem viver uma vida livre de preocupações?

Veja Jó 21.12: ***cantam com tamboril e harpa e alegram-se ao som da flauta.***

Jó diz, “Aqui estou eu sofrendo e eu temo a Deus.”

São os descrentes que estão tocando músicas sem parar. Suas vidas não passam de diversão e brincadeira.

Jó continua e diz em Jó 21.14–16, “E acredite você ou não:”

são estes os que disseram a Deus: Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos. Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos? E que nos aproveitará que lhe façamos orações? Vede, porém, que não provém deles a sua prosperidade...

Jó sugere, “Deus é o soberano que permite descrentes prosperarem. Por que Deus não acaba com a prosperidade?”

Asafe também lutou com isso no Salmo 73.5 quando disse: ***Não partilham das canseiras dos mortais, nem são afligidos como os outros homens.***

Em outras palavras, eles não têm problemas, fardos ou preocupações. A vida parece ser tão fácil para o descrente, enquanto que o crente fica enfadado com tantas lutas e tribulações.

“Senhor, por que a balança da justiça está invertida?”

Quando pregou nesse texto, Charles Spurgeon disse:

Os perversos prósperos escapam das labutas terríveis que afligem a massa da humanidade. Eles não têm necessidade de perguntar, “Onde conseguiremos pão para nossos filhos ou roupas para nossos bebês?” Problemas ordinários domésticos parecem não molestá-los. Tribulações ferrenhas parecem não surgir para assolá-los. O homem não espiritual é pior do que os demais homens, mas goza de uma vida melhor. Ele merece o inferno mais quente, mas desfruta de um ninho aquecido de forma confortável.³

Jó pergunta, “Por que pessoas que não seguem a Deus parecem desfrutar de coisas melhores?”

Essa é uma pergunta que a maioria dos crentes tem medo de perguntar.

6. Sexto: Por que ímpios são promovidos e ascendem ao poder enquanto eu sou ignorado?

Veja Jó 21.17–18:

Quantas vezes sucede que se apaga a lâmpada dos perversos? Quantas vezes lhes sobrevém a destruição? Quantas vezes Deus na sua ira lhes reparte dores? Quantas vezes são como a palha diante do vento e como a praga arrebatada pelo remoinho?

Essa pergunta retórica espera a resposta, “Nenhuma vez.”

Por que os ímpios recebem a atenção da mídia? Por que os paparazzi não estão em busca de missionários mundo a fora, nem fotos são tiradas de pessoas saindo de uma igreja?

Asaf colocou isso da seguinte forma no Salmo 73.13: *Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência.*

Vivemos para Deus e o outro cara recebe a promoção no emprego. Andamos com Cristo e todos os nossos amigos se casam e dão continuidade às suas vidas.

Honestidade não produz sucesso. Pureza não é recompensada com uma promoção. Por que não?!

7. Sétimo: Por que Deus não julga a hipocrisia de pecadores para que seus filhos sejam advertidos?

Veja Jó 21.19–21 onde Jó diz:

Deus, dizeis vós, guarda a iniquidade do perverso para seus filhos. Mas é a ele que

deveria Deus dar o pago, para que o sinta. Seus próprios olhos devem ver a sua ruína, e ele, beber do furor do Todo-Poderoso. Porque depois de morto, cortado já o número dos seus meses, que interessa a ele a sua casa?

Você percebeu no que essa passagem implica? Por que não julgar o pai descrente que está satisfeito com o pecado, já que por suas próprias ações ele não se preocupa com seus filhos mesmo? Por que não julgá-lo para que seus filhos sejam advertidos a não seguirem seu exemplo?

A melhor coisa que filhos podem ver é o pecado do pai sendo julgado, não é? Esse seria o elemento mais inibidor do pecado.

No início da história americana, ladrões eram açoitados publicamente. Não estou dizendo que devemos ter essa prática. Contudo, a falta de julgamento do pecado—o silêncio público; pior ainda, o endosso público, a aprovação e aplauso do pecador somente pavimentam o caminho para a geração seguinte ultrapassar os limites do pecado.

Pecadores que escapam do juízo se ensoberbecem de seus pecados, buscam pecado, exibem seu pecado, comunicando, assim, à próxima geração que o pecado é recompensador!

Salomão escreveu em Eclesiastes 8.11:

Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal.

A mentira sobre pecado impune é que Deus talvez não veja e, se vê, não se importa muito.

Jó se pergunta por que Deus não julga o descrente, mas parece julgar crentes fiéis. Essa é uma pergunta que muitos crentes têm medo de fazer.

8. Oitavo: Por que Deus não faz com que o mundo enxergue Seus filhos como pessoas especiais?

Nós somos os filhos de Deus; subimos no palco da história, mas ninguém dá a mínima atenção para nós; não existe anúncio especial, nenhuma aprovação óbvia, nem mesmo proteção.

Jó diz, “Não entendo por que Deus não deixa absolutamente claro que os piedosos são especiais e singulares, e que o resto do mundo não é tão importante.”

Esse é o problema de Jó em Jó 21.23–26:

Um morre em pleno vigor, despreocupado e tranquilo, com seus baldes cheios de leite e fresca a medula dos seus ossos. Outro, ao contrário, morre na amargura do seu coração, não havendo provado do bem. Juntamente jazem no pó, onde os vermes os cobrem.

Em outras palavras, no fim, parece não haver diferença nenhuma. Crente e descrente, espiritual e pagão, ambos são lançados juntos no cemitério no final da vida. O agente funerário iguala tudo. No fim, não há distinção.

Ah, mas o funeral não é o fim, é? Jó diz em Jó 21.30: *o mau é preservado para o dia da destruição e arrebatado no dia do furor.*

Ou seja, eles podem ter tido anos sem problemas na terra, mas a eternidade será repleta de furor.

Conclusão

Permita-me tirar duas conclusões desses dois capítulos de Jó.

1. Deus não é nem derrotado, nem atrapalhado pela falta de fé dos pecadores.

2. Deus não fica nem envergonhado, nem amargurado com as perguntas dos crentes.

Isso é verdade, mesmo quando nos perguntamos em voz alta em nosso diário, “Por que a mão de Deus está sempre sobre outra pessoa?”

E isso não é exatamente pedir por sabedoria? Talvez esse seja o motivo por que Tiago nos prometeu que, quando vamos a Deus e pedimos por sabedoria, não seremos repreendidos (Tiago 1.5);

Com muita frequência, nossos pedidos por sabedoria são precedidos por perguntas sobre por que e como Deus age em Seu mundo e em nossas vidas.

Talvez você tenha notado que, quando Jó começou a derramar seu coração fazendo perguntas que jamais esperaríamos que um homem piedoso fizesse—nem mesmo admitisse pensar—ele começou com a palavra “como é” ou “por que” (Jó 21.7)—*Como é, pois, que vivem os perversos*, enquanto minha família está praticamente destruída?

Essas são perguntas sinceras de um homem em aflição.

Em seu comentário em Jó, Charles Swindoll conta a história de um casal que morava em um bloco de apartamentos próximo ao seminário onde ele e sua esposa moravam.

Na década de 1960, Charles e Dennis eram alunos no seminário ainda. Dennis e sua esposa Lucy se tornaram bons amigos de Charles Swindoll enquanto lutavam juntos para terminar os estudos no seminário.

Enquanto estavam no seminário, Dennis e Lucy tiveram um filho, a quem Dennis amava de forma indizível. O menininho era quase inseparável de Dennis.

Depois que Dennis se formou, a pequena família se mudou para Los Angeles, Califórnia, onde Dennis deu continuidade aos seus estudos com o objetivo de ajudar pessoas que lutavam com infância conturbada a vencerem a luta e a viverem vidas produtivas. No meio de seus estudos de PhD, o filho do casal caiu dentro da piscina no fundo do quintal do vizinho e morreu afogado. Eles perderam seu precioso filho, algo que devastou o casal, mas especialmente Dennis.

Anos depois, Dennis contou a Charles Swindoll como regira à perda, “Entre no meu carro, logo depois de ter perdido meu filho, agarrei o volante e dirigi por todas as vias expressas de Los Angeles. Durante aquelas horas, gritei a Deus expressando toda minha dor, ira, tristeza e confusão existentes dentro de minha alma. Disse coisas a Deus que nunca dissera a pessoa alguma antes. Gritei com Deus e não foi nada bonito. Simplesmente, vomitei tudo diante de Deus.”

Já próximo ao amanhecer, Dennis finalmente voltou para sua pequena casa com a camisa molhada de suor. Suas mãos ainda estavam agarradas ao volante. Ele desligou o carro e escorou a cabeça sobre o volante, soluçando forte. E disse, “Fui confortado com este pensamento: Deus pode lidar com isso! Ele é capaz de lidar com tudo o que falei.”⁴

Que pensamento profundo e uma verdade humilhante da graça condescendente de Deus para com Seus filhos.

Não estou aprovando a blasfêmia, nem sugerindo que descarregue tudo sobre seus amigos.

Contudo, quando você finalmente faz perguntas—mesmo quando as faz com toda a força

de seus pulmões—Deus ouve. Ele está ouvindo até mesmo quando você faz aquelas perguntas proibidas que crentes não devem fazer, nem mesmo pensar.

No final de Jó 21, não vemos Deus segurando um taco e dizendo, “Já basta, Jó! Você foi longe demais dessa vez!”

Não. Deus pode lidar com Jó. Deus pode lidar com as perguntas de Jó. Ele pode ser soberano enquanto que, ao mesmo tempo, Seus filhos sofrem e ficam confusos.

Deixe-me fornecer três encorajamentos ao crente que faz perguntas que tinha medo de fazer.

1. Pare de comparar sua vida com as vidas de descrentes.

Pare de comparar:

- O número de filhos e netos;
- As coisas na garagem;
- O emprego;
- O valor dos móveis e roupas.

2. Pare de competir com outros crentes em sua caminhada.

Na maioria das vezes, competimos por coisas temporárias, ignorando nossa herança comum, eterna, que nunca corrói, enferruja ou perece.

A igreja acaba se tornando um lugar de competição ao invés de cooperação.

3. Comece a valorizar o que Deus deu a você hoje.

O mundo de Jó não mudou—Jó mudará. Mais adiante no livro, Deus o informará de tudo o que Jó havia ignorado.

Frequentemente, vamos a Deus e exigimos que Ele mude nossas circunstâncias. Contudo, Deus usa as circunstâncias para nos mudar.

Perguntas não respondidas que são sinceras e transparentes desenvolvem o caráter e confiança muito mais do que respostas rápidas e clichês desenvolverão.

Enquanto isso:

olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da

alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatiguis, desmaiando em vossa alma (Hebreus 12.2–3).

Então, vamos parar de comparar, de competir e vamos começar a valorizar o que temos hoje pela graça de Deus através de nosso perseverante Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 24/06/2007

© Copyright 2007 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Steve Lawson, *Holman Old Testament Commentary: Job* (Holman, 2004), p. 67.

² Warren W. Wiersbe, *Job: Be Patient* (Victor Books, 1991), p. 75.

³ Charles H. Spurgeon, *The Treasury of David, Volume 2* (Kregel, rep. 1968), p. 312.

⁴ Charles R. Swindoll, *Job: A Man of Heroic Endurance* (Word, 2004), p. 70.